



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10842 - Resumo Expandido - Trabalho - XIV ANPED SUL (2022)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 18 - Gênero, Sexualidade e Educação

### LÉSBICAS QUE ESCREVEM LÉSBICAS: EXPERIÊNCIAS DE MULHERES ESCRITORAS

Ana Gabriela da Silva Vieira - UFPel - Universidade Federal de Pelotas

Marcio Caetano - UFPel - Universidade Federal de Pelotas

### **LÉSBICAS QUE ESCREVEM LÉSBICAS: EXPERIÊNCIAS DE MULHERES ESCRITORAS**

Eu havia nascido mulher e estava tentando pensar e agir como se a poesia – e a possibilidade de fazer poemas – fosse um domínio universal – de gênero neutro. No universo do paradigma masculino, absorvi naturalmente ideias sobre mulheres, sexualidade e poder, da subjetividade de poetas homens [...]. A dissonância entre essas imagens e os acontecimentos diários de minha própria vida exigiam uma constante habilidade de imaginação; uma espécie de tradução perpétua, e uma fragmentação inconsciente da identidade: entre mulher e poeta (RICH, 2019, p. 138).

Introduzimos esse texto com a citação da escritora e teórica Adrienne Rich (2019), de um ensaio produzido em 1985, sobre sua poesia. A escritora argumenta que, em sua construção enquanto poeta, ela tinha como referência a voz masculina – hegemônica na história da literatura – e, portanto, aquilo que ela escrevia se afastava de sua experiência enquanto mulher. Foi posteriormente que Rich passou a escrever a partir desse lugar de mulher, de forma a entrelaçar suas posições de sujeito como poeta e como mulher.

Essa história, ao nosso ver, não é diferente de inúmeras mulheres que se aproximaram da leitura e da escrita, mas que se veem afastadas do protagonismo literário tanto no que diz respeito a autoria, quanto em relação ao texto em si e seus(as) personagens. Defendemos que uma escrita protagonizada por mulheres tem potencial para subverter essa lógica masculinista, sobretudo se falamos de escritoras lésbicas e de produção de livros de temática lésbica.

A literatura do nosso país, historicamente, teve um protagonismo masculino, branco e heterossexual; o que se faz presente, inclusive, na formação do que se designa como “nação brasileira”. A esse respeito, Richard Miskolci (2012) aponta que no ideal de nação, a mulher

aparece como alguém de quem se suspeita e que é necessário controlar e pacificar, a partir do casamento e da maternidade. Para o autor, a literatura, ao abordar questões da vida privada, agiu de forma a relacionar a degeneração moral àqueles e àquelas que ameaçavam o ideal de nação.

No mesmo sentido, Carlos Henrique Lucas Lima e Marcio Caetano (2016) apontam que a homossexualidade foi muitas vezes “relegada ao espaço privado e ao que contemporaneamente se nomeia como gueto” (LIMA; CAETANO, 2016, p. 24); o que aparece de forma demarcada na literatura, que produziu formas de entender a homossexualidade que passam por estabelecer para pessoas homossexuais um lugar marginal e suscetível à violência. É o caso do *O Cortiço*, de Aluizio Azevedo, que traz a figura da lésbica para o cenário degenerado de um cortiço e para o contexto da prostituição.

Cabe ressaltar, inclusive, que tento sido um lugar amplamente vinculado a autores homens, a literatura tratou da mulher – e principalmente da lésbica – a partir de um olhar de quem não vive a experiência. Claudiana Santos (2018), ao estudar a literatura de temática lésbica, explica que, muitas vezes, as relações entre mulheres foram trazidas para os textos literários por observadores e *voyeurs* que enxergam essas relações como espetáculo. Essa não é uma prática ultrapassada, presente apenas em textos dos séculos anteriores, como *O Cortiço*. A espetacularização das relações lésbicas se faz presente na escrita ainda hoje, por exemplo nos inúmeros contos eróticos que se espalham pela internet. Vemos essa situação como parte do regime de subjetivação que vivenciamos na sociedade contemporânea, que segundo Paul Preciado (2018), está vinculado a uma espetacularização midiática da sexualidade, a partir das tecnologias. Além do modelo espetacularizado que serve aos desejos do homem, outra forma de caracterizar a lésbica na literatura é a apontada por Rich (2019): como uma mulher que está ressentida com os homens, de forma a invalidar e invisibilizar a experiência lésbica.

Para Preciado (2018), a mulher – dentro da ficção heterossexual – tem sua fala no domínio do privado, é uma fala que não emite para o público (nem a fala e nem a escrita, argumentamos), ao passo que seu corpo aparece como corpo público, disponível para o uso dos homens. Diante desse quadro, entendemos que falar das lésbicas a partir de suas experiências afetivo-sexuais pode se constituir enquanto estratégia de resistência à ficção heterossexual conceituada pelo autor; ou também poderíamos dizer: resistência à heterossexualidade compulsória, abordada por Rich (2019).

No passado, tivemos autoras lésbicas que abriram caminho para a temática lésbica na literatura, lançando mão de estratégias de resistência em seus contextos sociais, como Radclyffe Hall (1972) com *O poço da Solidão*, publicado na Europa na primeira metade do século XX, e Cassandra Rios (2006), com o romance *Eu sou uma lésbica* e outras inúmeras obras literárias, várias delas escritas e censuradas no período da Ditadura-Civil Militar no Brasil, resistindo ao modelo hegemônico heterossexual defendido pela “moral” nacionalista. Atualmente, outras resistências ainda são necessárias e continuam a ser engendradas por

escritoras lésbicas.

É a partir disso que, neste trabalho nos propomos a pensar de que forma a experiência afetivo-sexual atravessa o exercício da escrita e a produção literária de temática lésbica (por mulheres lésbicas, não por outrem que, por ventura, possam tratar desse tema em seus livros). Para tanto, entrevistamos duas mulheres que identificam-se como lésbicas e que são autoras de romances, a fim de perceber suas histórias pessoais com a escrita, os seus significados em suas vidas e em suas formas de viver a experiência lésbica.

Em termos metodológicos, a presente investigação lançou mão de aplicativos de mensagens questionando a cada uma das escritoras as seguintes perguntas: 1. Qual é a sua história com a escrita? 2. O que a escrita significa na sua vida hoje, em diversos âmbitos (exemplo: profissional, financeiro, emocional, psicológico, etc.)? 3. Você poderia escolher um dos seus livros e contar um pouco sobre ele (Processo de criação, enredo, significado pessoal, etc.)? 4. Como você enxerga/produz a construção das personagens lésbicas nos seus textos?

A partir desses questionamentos, tivemos acesso a quatro arquivos de áudio contendo a fala das duas entrevistadas, que foram transcritos parcialmente. Para respeitar as dimensões éticas da pesquisa acadêmica, foi pedido autorização dessas mulheres por escrito tanto para utilização dos áudios neste trabalho, tanto para a menção de seus nomes no texto. Às duas foi oferecido as alternativas de usar suas iniciais ou de nomes fantasia para nos referirmos a elas, mas ambas escolheram a utilização do nome completo.

A primeira escritora com quem conversamos foi a Maria Carvalhal, que tem quatro romances de temática lésbica publicados de forma independente (sem selo editorial), nos formatos *ebook* e físico, intitulados: *Pimenta Mexicana*, *Minha Sina é Você*, *Bela Fatal* e *O Preço da Fama*. A segunda autora é Mariana Rosa, autora de *Doce Atena*, *A Garota dos Lírios*, *Perfeita Para Mim*, *A Tentação da Ruína Obscura* e outros oito livros de temática lésbica em formato *ebook* – também a partir de publicações independentes.

Em seguida, trataremos discussões a partir dos excertos da transcrição dos áudios das entrevistas, que serão trazidos entre aspas. Ambas as autoras citaram na entrevista que ser escritora é algo que fazem profissionalmente. Maria Carvalhal mencionou: “vivo disso, pago minhas contas com a venda dos meus livros”, enquanto Mariana Rosa afirmou sobre a escrita: “é o que hoje, profissionalmente, eu me vejo fazendo. É o que eu quero para minha vida, sabe?”. A partir disso, entendemos que as possibilidades atualmente oferecidas pelo ciberespaço, como a venda de livros digitais em plataformas online, como a *Amazon* (utilizada pelas autoras entrevistadas), e também as redes sociais que servem para divulgação do trabalho das escritoras (como o *Instagram*, usado por ambas), permite que mulheres lésbicas vivam da escrita de textos que falam de relações sexuais e afetivas entre mulheres, sem embargos ou dependência do mercado editorial.

Ao nosso ver, a potência da experiência lésbica nas escritas de Mariana Carvalhal e de

Mariana Rosa já aparece de forma evidenciada na história delas com o mundo da leitura e da escrita. Quando questionamos sobre o início de seu escrever, coincidentemente (ou não), ambas mencionaram a relação com as mães. Uma delas afirmou que a mãe tinha muitos livros, gerando um fascínio nela, desde criança; a outra, relacionou o começo de processo de escrita com o falecimento de sua mãe.

Não queremos aqui fazer nenhum tipo de defesa edipiana/psicanalista, mas expandir o entendimento do conceito de experiência lésbica, a partir das teorizações do feminismo lésbico. Para Rich (2019), na medida em que a compulsoriedade da heterossexualidade se faz presente em vários âmbitos sociais (incluindo a literatura), de forma a estimular as mulheres ao amor romântico e a uma submissão erotizada ao homem, a experiência lésbica é aquela que se afasta dessa heterossexualidade compulsória.

Rich (2019) entende a experiência lésbica a partir do *continuum lésbico*, conceito que se refere não apenas às práticas sexuais entre mulheres, mas às experiências que as mulheres constroem umas com as outras, em seus cotidianos. Jules Falquet (2008) e também Monique Wittig (2006), de forma semelhante, mais do que pensar na questão do desejo sexual, entendem que “a lésbica” é categoria política de desestabilização de um entendimento de mulher enquanto um mito idealizado pelo sistema heterossexual.

Outra autora do feminismo lésbico cujo entendimento do que é ser lésbica ultrapassa a dimensão da sexualidade é Margarita Pisano (2001) que argumenta que, estando as mulheres socialmente condicionadas ao amor pelo homem, o amor entre mulheres tem potencial de resistência. Assim, para a autora, se faz necessário que as mulheres admirem umas às outras, dialoguem com elas, respeitem-nas e amem-nas. É nesse sentido que vejo estratégias de resistência próprias da experiência lésbica funcionando quando a relação entre uma mãe e uma filha levam esta última ao desejo de escrever, de produzir uma arte sobre e para lésbicas, de ser capaz de falar e de existir sem a dependência do homem.

Esses vínculos de amor e admiração entre mulheres aparecem nos discursos das entrevistadas também para falar de suas personagens. Maria Carvalhal afirmou sobre seu livro *Pimenta Mexicana*, que conta a história de amor de Lauren e Maria Flores: “Lauren foi uma personagem criada pra mim, sabe? A mulher dos meus sonhos, a mulher que eu queria ter [...] Então eu emprestei para Maria Flores todos os meus medos, as minhas apreensões, a minha personalidade”. A partir dessa fala, vê-se como a experiência lésbica de Maria está profundamente imbricada na escrita.

Em mesmo sentido, sobre seu processo de escrita, Mariana Rosa explicou: “como eu sou uma mulher lésbica, para mim, o protagonismo lésbico é algo muito orgânico. Então, a partir disso, eu insiro todas essas camadas [nas personagens]”. Sobre essas camadas, a escritora exemplifica que seriam “a camada social em que ela está, o porquê ela quer contar essa história, o porquê ela está inserida ali naquele momento”.

Observamos, assim, que a autora entende suas protagonistas lésbicas de forma

complexa. A personagem não está ali simplesmente para cumprir a função de ser uma lésbica, mas de abarcar inúmeras e polissêmicas camadas que tornam interessante contar sua história. Mariana traz sua própria lesbianidade para sua escrita, em suas palavras, como algo “orgânico”; unindo seu lugar de lésbica como o de escritora, da forma como defende Rich (2019), ao colocar que “nós mulheres entendemos que precisamos ter uma arte só nossa: para nos lembrar de nossa história e do que poderíamos ter” (RICH, 2019, P. 149).

É o que também defende Hélène Cixous (2022), ao argumentar que “é preciso que a mulher se escreva: que a mulher escreva sobre a mulher, e que faça as mulheres virem à escrita, da qual elas foram afastadas tão violentamente quanto o foram de seus corpos”. (CIXOUS, 2022, p. 41). Ao fazer essa reivindicação, a autora explica que as mulheres foram historicamente afastadas das possibilidades da escrita (e, sobretudo, sobre si mesmas), e esse convite ao registro é para trazer o protagonismo da mulher a uma condição de existência, mesmo que a realidade ainda privilegie aquilo que significaria ser homem.

Essa ideia de fazer existir na literatura “o que ainda não existe na realidade” (CIXOUS, 2022, p. 33), aparece na fala de Mariana Rosa e Maria Carvalhal. Esta última, estabeleceu logo no início da entrevista: “eu escrevo mais para abstrair a realidade do que qualquer outra coisa”. Por sua vez, Mariana profere uma frase completamente diferente, mas que caminha na mesma direção: “eu tento contar esse mundo a parte que criei na minha cabeça”, diz a autora.

A noção de “mundo a parte” e de “abstrair a realidade”, longe de ter um sentido de fuga, ao nosso vez, implica um fazer existir, resistir e narrar. Mulheres que, a partir de sua experiência lésbica, tomam o próprio corpo e a escrita como potência insurgente – esse corpo e essa escrita que sempre foram e continuam a ser negado às mulheres como algo que lhes pertence.

Em termos de últimas considerações, se é que seja possível trazer considerações “finais” para um assunto tão complexo, compreendemos que a escrita de mulheres de forma imbricada as experiências lésbicas configuram ato resistência, produz outro modo de subjetivação e contraria os desígnios da heterossexualidade compulsória. As falas de Mariana Rosa e Maria Carvalhal, junto aos escritos de outras mulheres lésbicas, corroboram para essa compreensão.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mulher. Lésbicas. Escrita. Experiência. Literatura.

## REFERÊNCIAS

FALQUET, Jules. Repensar as relações sociais de sexo, classe e “raça” na globalização

neoliberal. **Mediações**, v. 13, n.1-2, p. 121-142, jan/jun. 2008.

HALL, Radclyffe. **O Poço da Solidão**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

LIMA, Carlos Henrique Lucas; CAETANO, Marcio. Em defesa de uma historiografia literária fora do armário. **Aedos**, Porto Alegre, n. 19, p. 24-36, dez. 2016.

MISKOLCI, Richard. **O desejo da nação: masculinidade e branquitude no Brasil de fins do XIX**. São Paulo: Annablume, 2012.

PISANO, Margarita. **El triunfo de la masculinidad**. Surada ediciones, 2001.

PRECIADO, Paul B. **Testo Junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica**. n-1 edições, 2018.

RICH, Adrienne. **Heterossexualidade compulsória e existência lésbica & outros ensaios**. Rio de Janeiro: A bolha, 2019.

RIOS, Cassandra. **Eu sou uma lésbica**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2006.

SANTOS, Claudiana Gois dos. **A Bruta flor do Querer: Amor, performance e heteronormatividade na representação das personagens lésbicas**. 2018. Dissertação (Mestrado em Literatura), Programa de Pós-graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo.

WITTIG, Monique. **El pensamiento heterossexual y otros ensayos**. Barcelona: Editorial EGALES, 2006.